

ISSN 0101- 3335

LETRAS DE HOJE

Nº 117

SETEMBRO DE 1999



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Curso de Pós-Graduação em Letras



LETRAS DE HOJE

REVISTA TRIMESTRAL
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM LETRAS - PUCRS

Chanceler

Dom Altamiro Rossato

Reitor

Professor Irmão Norberto Francisco Rauch

Vice-Reitor

Professor Irmão Joaquim Clotet

Pró-Reitor de Administração

Professor Antonio Mario Pascual Bianchi

Pró-Reitor de Ensino de Graduação

Professor Francisco Alfredo Garcia Jardim

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação

Professor Monsenhor Urbano Zilles

Pró-Reitor de Extensão Universitária

Professor Gilberto Mucilo de Medeiros

Pró-Reitora de Assuntos Comunitários

Professora Laury Garcia Job

Diretor da Revista

Prof. Ir. Elvo Clemente

Conselho Editorial

para Assuntos Lingüísticos

José Marcelino Poersch, Leonor Scliar Cabral,

Leci Borges Barbisan, Regina Ritter Lamprecht,

Léda T. Martins, Carmem Lúcia M. Hernandez

Conselho Editorial

para Assuntos Literários

Gilberto Mendonça Telles, Petrona Dominguez de

Rodríguez Pasquês, Regina Zilberman,

Monsenhor Urbano Zilles, Maria Eunice Moreira,

Carlos Alexandre Baumgarten

Pedidos de assinaturas e permutas devem ser encaminhados para EDIPUCRS.

Assinatura anual:

Brasil R\$24,00

Exterior US\$30,00

Número avulso R\$8,00

Formas de pagamento:

Cheque nominal à
EDIPUCRS

Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 33

Caixa Postal 1429

90619-900 - Porto Alegre - RS - BR

E-mail: edipucrs@pucrs.br

<http://ultra.pucrs.br/edipucrs/>

Os artigos para publicação devem ser encaminhados para:

Revista Letras de Hoje
Pós-Graduação em Letras - PUCRS

A/c Prof. Elvo Clemente

Caixa Postal 1429

90619-900 - Porto Alegre - RS

A Revista aceita permutas

On demande l'échange

We ask exchange

Os originais enviados à Revista não serão devolvidos, mesmo que não sejam utilizados.

Composição:

PRINT LINE

Impressão:

EPECÊ

L649 LETRAS DE HOJE/Curso de Pós-Graduação em Letras
PUCRS, -n.1 (out. 1987) - , - Porto
Alegre: EDIPUCRS, 1987 -
v.: 22cm
Trimestral
ISSN 0101-3335
1. Lingüística - Periódicos, 2. Literatura - Periódicos
I. PUCRS. Curso de Pós-Graduação em Letras.

CDD 405

805

CDU 8(05)

Índices para Catálogo Sistemático

Lingüística: Periódicos 80(05)

Literatura: Periódicos 82/89 (05)

Periódicos: Lingüística (05)80

Letras de Hoje

Trabalhos apresentados por membros

do

GT de PSICOLINGÜÍSTICA

no âmbito do

XII Encontro Nacional da ANPOLL

Junho de 1998

UNICAMP

PUCRS

É uma satisfação muito grande podermos entregar ao público estes textos, que partiram de mesa-redonda realizada por membros do GT de PSICOLINGÜÍSTICA no XII Encontro Nacional da ANPOLL. São trabalhos interessantes e de grande relevância para os estudiosos em Aquisição da Linguagem no Brasil.

Agradecemos ao Prof. Dr. Ir. Elvo Clemente pelo interesse e pelo apoio constante, que possibilitaram a publicação destes trabalhos na *Letras de Hoje*.

Porto Alegre, setembro de 1999

Regina Ritter Lamprecht

SUMÁRIO

Apresentação	07
<i>Letícia Sicuro Corrêa</i>	

1. Mesa-Redonda:
Tendências de uma aquisição da linguagem brasileira

Sobre o "Interacionismo"	11
<i>Cláudia T. Guimarães de Lemos</i>	

Aquisição da linguagem numa abordagem gerativa	17
<i>Mary Kato</i>	

Aquisição da linguagem numa abordagem psicolinguística: por uma teoria da aquisição da linguagem como processo	27
<i>Letícia M. Sicuro Corrêa</i>	

2. Mesa-Redonda:
Estudos em aquisição do português brasileiro

Tendências dos estudos em aquisição da fonologia do português brasileiro: a pertinência dos modelos gerativos	41
<i>Carmen Lúcia Matzenauer Hernandorena</i>	

Diferenças no ranqueamento de restrições como origem de diferenças na aquisição fonológica	65
<i>Regina Ritter Lamprecht</i>	

Para na gramática infantil do português brasileiro	83
<i>Maria Cecília Perroni</i>	

APRESENTAÇÃO

3. Mesa-Redonda:

Estudos na aquisição da escrita

-
- O desenvolvimento da habilidade de organização textual em língua escrita 101
Maria Elias Soares
-
- Processos metaforonímicos e o interdiscurso na criação de histórias 111
Eduardo Calil
-

Este número de *Letras de Hoje* é dedicado à divulgação dos trabalhos apresentados na última reunião do GT de Psicolinguística, por ocasião do *XII Encontro Nacional da ANPOLL*, em junho de 1998, na UNICAMP. A reunião teve como foco o Estudo da Aquisição da Linguagem no Brasil — campo em torno do qual se concentra a maior parte da pesquisa identificada com a Psicolinguística no país.

O GT de Psicolinguística, desde sua constituição, tem atuado no sentido de identificar linhas de pesquisa, tópicos ou interesses comuns, facilitando a aproximação entre indivíduos e grupos e o contraste de abordagens.

No último biênio (96-98)¹, procedeu-se a um levantamento das publicações, dissertações e teses nesse período, de modo a caracterizar as tendências teóricas e/ou linhas de pesquisa que se apresentam mais claramente delineadas. Observou-se que, embora ainda sejam poucos aqueles que se dedicam à pesquisa psicolinguística no Brasil, tem crescido o interesse na área e tem-se intensificado a relação entre esta e a Teoria Linguística em função da aquisição da linguagem, como indicam as teses e dissertações defendidas nos últimos anos. Constatou-se ainda a formação de novos grupos de pesquisa no Sul e no Nordeste, a partir da intensificação do interesse na aquisição da Fonologia e na produção em língua escrita. O último encontro do GT foi organizado a partir desse trabalho.

A mesa-redonda *Tendências de uma Aquisição da Linguagem Brasileira* dá margem a duas leituras: tendências da pesquisa em aquisição da linguagem conduzida no Brasil, a qual lida com questões teóricas que orientam o estudo da aquisição da linguagem nessa segunda metade de século, e tendências que se desenvolvem no Brasil, em função das condições históricas peculiares nas quais a pesquisa linguística e psicolinguística aqui

¹ Esse trabalho foi conduzido pela Profa. Ana Maria Guimarães de Mattos, da UFRGS, coordenadora do GT no biênio 96-98.

se realizam, ou de outro fator que lhes dê alguma especificidade. Cada trabalho apresentado chama atenção para a inserção da pesquisa aqui conduzida num contexto teórico mais amplo sem deixar de revelar o que há de "brasilidade" em cada abordagem.

Para essa mesa foram particularizadas três vertentes da pesquisa em aquisição da linguagem aqui realizada: uma vertente caracterizada (própria e impropriamente, (cf. de Lemos nesse volume)) como *socio-interacionista*, a qual tem origem no trabalho pioneiro de Cláudia de Lemos em aquisição da linguagem no Brasil, o qual se vem desenvolvendo desde os anos 70; uma vertente que se inscreve na *Linguística Gerativista* que, no Brasil, começou a desenvolver-se de forma mais expressiva nos anos 80, já inserida na teoria dos *Princípios e Parâmetros*; e uma terceira, que considera a aquisição da linguagem do ponto de vista do processamento linguístico, a qual vem se desenvolvendo mais caracteristicamente nos últimos dez anos. Os textos de Cláudia de Lemos (UNICAMP), Mary Kato (UNICAMP) e Letícia Sicuro Corrêa (PUC-Rio) representam essas tendências, respectivamente.

Quanto aos grupos representados, o do Rio Grande do Sul é particularmente voltado para a aquisição da linguagem no que concerne à Fonologia e aos distúrbios fonológicos da infância. No Nordeste, amplia-se a pesquisa voltada para a produção da escrita. Os trabalhos de Carmen Hernandorena (UCPEL) e o de Regina Lamprecht (PUCRS) apresentam resultados do grupo do Rio Grande do Sul. O trabalho de Maria Elias Soares (UFCE) e o de Eduardo Cail (UFAL) são representativos de linhas de pesquisa distintas no tratamento da língua escrita. O primeiro inscreve-se num estudo de maior proporção sobre o desenvolvimento da escrita, sob uma abordagem cognitiva, enquanto que o último enfoca a produção escrita da criança a partir de conceitos recentemente introduzidos por Cláudia de Lemos.

O encontro também abriu espaço para trabalhos em andamento identificados com cada uma das tendências da pesquisa em aquisição da linguagem distinguidas. Infelizmente, esses trabalhos acabaram, por razões diversas, não sendo incluídos no volume. Remete-se a referências nos textos de Kato e Corrêa.

Maria Cecília Perroni (UNICAMP), embora ausente na ocasião do Encontro, contribuiu para esse número, exemplificando um modo de abordagem para a aquisição da linguagem diretamente orientado pela teoria dos Princípios e Parâmetros.

Com base nos trabalhos que vieram a compor o volume, foi possível criar uma amostra dos estudos em aquisição do português brasileiro e outra da pesquisa em língua escrita correntes. Ao apontar para as direções do estudo da aquisição da linguagem conduzido no Brasil e em geral e ao divulgar parte do que vem aqui sendo feito nessa área, espera-se ampliar o interesse na pesquisa psicolinguística, promover uma reflexão sobre possíveis modos de abordar a aquisição de língua, o desenvolvimento de habilidades dela dependentes, assim como chamar a atenção para questões relativas à língua que a fala/escrita da criança pode fazer suscitar.

Acrescento aqui agradecimentos a Regina Lamprecht, que viabilizou a publicação ágil desse número.

Letícia Sicuro Corrêa
Coordenadora do GT de Psicolinguística
Biênio 98-00

Sobre o "Interacionismo"

Cláudia T.G. de Lemos
UNICAMP

Como Ana Maria de Mattos Guimarães disse, ao apresentar esta mesa,¹ seu tema é "Tendências de uma aquisição de linguagem brasileira" e a mim caberia falar sobre a abordagem chamada "interacionista". Não sei o que Ana Maria tinha em mente ao qualificar a pesquisa sobre aquisição de linguagem feita no Brasil como "brasileira", mas não tenho a menor dúvida de que minha presença nesta mesa se deve à qualificação de meu trabalho como "interacionista".

Sobre se as palavras têm ou não o poder de nos aproximar das coisas que elas significam, referem ou designam, bastante já foi dito por poetas - e, dentre eles, Shakespeare é o mais lembrado - filósofos e até mesmo lingüistas. O que se tem deixado de dizer - ou não se tem reconhecido suficientemente, a não ser na Psicanálise - é o que as palavras encobrem, dissimulam, enfim, os equívocos que elas produzem. Vou me servir da ocasião que esta mesa me oferece para falar dos equívocos produzidos pelo termo "interacionismo", para mostrar que a "tendência" dos trabalhos que foram agrupados por efeito deste rótulo escapam ao que esse rótulo, saturado por uma psicologia que reduz a linguagem à comunicação, ou mesmo à interação - e, ao mesmo tempo, de objeto de aprendizagem-, a eles poderia impor. Porém, ainda que as questões que regem cada passo desses trabalhos sejam de uma ordem que se pode dizer

¹ Este texto foi escrito para ser falado, para ser mais um depoimento que um artigo científico. Por isso mesmo, nem foi alterado nem a ele foram anexadas as referências aos trabalhos dos investigadores e autores que nele se fazem presentes de forma explícita ou implícita.

oposta a essa, não há como impedir que eles sejam lidos a partir desse rótulo e desse olhar que ele fixa.

A esta altura, impõe-se uma pergunta que equivaleria a uma objeção, pergunta essa que poderia ser a mim dirigida da forma que se segue. "Como foi você mesma que colou esse rótulo nos seus trabalhos, ou melhor, como ninguém lhe impôs esse rótulo, do que você está reclamando, ou o que é que você está reivindicando com essa fala que pretende desfazer equívocos?"

Para responder a essa pergunta, é preciso voltar no tempo, voltar mais de vinte e três anos atrás, a 1975, mais precisamente à minha tese de doutorado, momento em que me dei conta da dificuldade de descrever a fala da criança, fazendo da Lingüística um mero instrumental de descrição, fazendo essa descrição equivaler a uma atribuição de conhecimento da criança, à definição de estágios, a serviço de uma noção de desenvolvimento vinda da psicologia.

Essa dificuldade provinha tanto do que a fala da criança repetia, espelhava da fala do adulto quanto do que na época se denominaria sua não-produtividade. Uma flexão verbal ou um fragmento de um enunciado em que se podia reconhecer parte de uma estrutura sentencial só ocorriam em determinadas situações ou com um determinado verbo. Se era a proposta de Chomsky em *Aspects* (1965) que parecia inspirar a descrição, longe estava ela de ser tomada conceitualmente. O máximo que a noção de criatividade, corolário do estatuto teórico na língua definida como possível, isto é, não coincidente com qualquer "corpus" finito, produziu foi essa noção de não-produtividade, operacionalizada por Bloom através de um tratamento estatístico que ia de encontro ao infinito de sentenças a que o enunciado quase-aforístico de Chomsky remetia.

Foi ao me ter dado conta de que não-produtividade e espelhamento da fala do outro eram faces do mesmo fenômeno, que surgiu pela primeira vez a questão: se a Lingüística não permite nem descrever nem explicar isso, já que a categoria "outro" não existe teoricamente para ela, nem há condições para que se abra nela um lugar para se tratar de fragmentos não analisados, já que qualquer teoria lingüística pressupõe a língua como articulada, estruturada, o que fazer com isso? Que lingüístico é esse que comparece na fala inicial da criança?

O caminho para a resolução desse impasse de ordem lingüística foi buscar na Psicologia - ou em trabalhos sobre Aquisição de Linguagem inspirados em teorias psicológicas sobre desenvolvimento - um lugar para esse outro que, como representante da língua para a criança, tinha um efeito no percurso da aquisição de linguagem. Bruner era, naquele momento, quem conduzia essa linha de pesquisa, já cunhada então de interacionista, na medida em que privilegiava a interação, a saber, os "formats" em que se podia emoldurar o que se apresentava à primeira vista como regularidades enunciativas da relação mãe-criança.

Se a minha questão inicial era de ordem lingüística, levá-la adiante impunha trazer para o primeiro plano o que de lingüístico era, na verdade, subordinado ao comunicativo dominante na noção de "format". A fala inicial da criança, ainda que fragmentada, exibía uma relação com a fala da mãe que ia além do espelhamento. Nela é que se podiam identificar mudanças que a heterogeneidade dos enunciados isolados da criança - ou a ausência de regularidades que justificariam sua descrição - não permitia discernir.

Trazer o lingüístico para o primeiro plano significou, então, propor o diálogo como unidade de análise - e não de comunicação - análise esta que se distanciava da pragmática na medida em que não se partia de um sujeito dotado de intenções e de sentidos e que a interrogação incidia desde sempre sobre o efeito da linguagem, através da fala do outro, na constituição da criança como sujeito.

Tratar o diálogo do ponto de vista lingüístico significava também a insistência na procura de uma teoria sobre a linguagem, dentro ou fora da Lingüística, que pudesse dar conta dessa passagem da fala da criança enquanto fala não-analisada do outro para uma fala articulada, no sentido em que uma fala articulada supõe certos termos e posições que os determinam. Ou ainda, que significar é efeito de uma atividade que é basicamente gramatical, isto é, que supõe uma cadeia significante em que nenhum elemento significa em si e por si só.

A palavra "interacionismo", referida a esse momento do trabalho, nele ficou colada ainda que sua questão desencadeadora sempre tenha incidido sobre o lingüístico, ainda que interação não pudesse nele ser lida como comunicação entre a crian-

ça e adulto. Que comunicação é essa em que a criança, ao falar, era falada pelo outro? Que comunicação é essa quando os "erros" da criança, em um momento seguinte de seu percurso como falante, apontam para uma discordância que a afasta da fala do outro, que mostra a alteridade radical desse outro?

Na verdade, se nunca foi feito nenhum gesto no sentido de descolar esse rótulo, eliminando assim o pretexto que ele oferecia para que se ignorassem as questões de várias ordens que os trabalhos "interacionistas" punham em discussão, penso agora, retroativamente, que foi por causa do "outro". Isto é, porque, a despeito das mudanças sucessivas promovidas pelos problemas encontrados a cada passo da teorização, o "outro", ainda que redefinido, despojado do saber que lhe era suposto como intérprete da criança, ali permanecia como lugar primordial de inserção da criança no funcionamento da língua. Enfim, que outro nome dar a esse empreendimento que visa a língua que se instancia na fala da criança através de uma outra fala, de uma fala que a significa como falante?

Do fracasso dessa tentativa de encontrar uma teoria sobre a linguagem em que se pudesse, pelo menos, formular essas questões é que emergiu a pergunta até então evitada, pergunta essa sempre presente e não menos evitada pelos estudiosos da Aquisição de Linguagem, em todas as suas vertentes e tendências. Qual é a função da Lingüística na teorização do processo de aquisição de linguagem? O fato de a resposta a ela não poder ser negativa, isto é, a de negar às teorias lingüísticas qualquer função nessa teorização, não é suficiente nem isenta o investigador do compromisso de respondê-la.

Essa pergunta tem sua razão de ser na negação da teoria lingüística que coexiste, na área de Aquisição de Linguagem, com o recurso a essa teoria como referência para a "análise" da fala da criança. Essa negação, ainda que não reconhecida, se concretiza na noção de desenvolvimento que, emprestada à Psicologia, subordina essa análise a uma sucessão cronológica de estados/estágios de conhecimento lingüístico. O que se nega, portanto, é o própria conceito de língua do qual parte a teoria lingüística, o qual não é da ordem do parcelável, nem permite a concepção de estágios e muito menos uma ordenação cronológica em termos de uma complexidade crescente.

Contudo, o que essa adesão a uma noção de desenvolvimento, ao mesmo tempo, exprime, é a necessidade de dar conta da mudança fenomenicamente e teoricamente tão importantes no processo de aquisição de linguagem. O que a teoria lingüística tem a dizer sobre isso? Aí está o lado, por assim dizer, positivo da pergunta sobre a função da Lingüística no entendimento do processo de aquisição de linguagem.

Foi essa pergunta que determinou a insistência com que, em meus artigos mais recentes, tenho-me debruçado sobre a Lingüística como ciência, sobre seu ideal de cientificidade, o qual impõe a exclusão da fala e do falante enquanto heterogêneos à ordem própria da língua e sobre os impasses que essa exclusão produz na investigação.

Se o empenho que coloquei na leitura de Saussure e de Chomsky resultou em algo parecido com uma resposta, isso se traduz no reconhecimento de que tanto a ordem própria da língua afirmada por Saussure quanto a noção de língua possível de Chomsky implicam a exclusão do sujeito psicológico. Esse sujeito passível de ser definido por propriedades que serviriam de explicação tanto para a existência das línguas naturais (do tipo "há línguas porque a comunicação é essencial ao ser humano") quanto para as propriedades das línguas (do tipo "a ordem das palavras reflete a forma como os eventos são percebidos"), quanto para a aquisição das línguas naturais (do tipo "a criança segmenta, no contínuo da fala, a porção perceptualmente mais saliente e/ou mais claramente associável a um contexto").

A exclusão do sujeito psicológico, formulada por Saussure enquanto impossibilidade de intervenção do falante na língua, e implicada no que Chomsky definiu como o problema lógico da aquisição de linguagem, aponta para uma das funções das teorias lingüísticas na teorização sobre aquisição de linguagem. A saber, para a função de restringir as concepções de fala ("parole") e de falante, concepções essas exigem uma reflexão maior ainda quando se trata da criança e de seu advento como falante.

Para Saussure, como para Jakobson, tal restrição é tematizada em uma busca hesitante do lugar do falante nos interstícios do que lhe é imposto pela língua - o fonema, o léxico, a

estrutura da sentença? - Do que lhe resta como escolha - talvez o texto, o discurso.

Em Chomsky, ao mesmo tempo em que o problema lógico da aquisição de linguagem requer uma solução de ordem biológica, que incide no homem tomado como indivíduo da espécie, a fala ou, em seus próprios termos, a produção lingüística, sendo uma ação humana "livre e indeterminada" e, portanto, imprevisível, nada diz sobre o conhecimento da língua.

O que revela, então, essa fala que, determinada pela língua, é indeterminada enquanto ação e enquanto ato, essa fala que, tendo na língua sua condição de possibilidade, com ela não coincide? Talvez ela não revele mas apenas aponte para uma instância subjetiva que está aquém ou além do que se pode saber sobre a língua.

É essa instância em constituição que se faz ver na fala da criança, tanto nos fragmentos da fala do outro que nela retornam quanto em enunciados insólitos cuja heterogeneidade desafia a descrição lingüística, enfim, nas mudanças de posição da criança em sua relação com a língua que a teoria lingüística não pode predizer. Foi o reconhecimento dessa instância que me levou a buscar na Psicanálise e, particularmente, em Lacan, para quem a língua é causa de haver sujeito, uma possibilidade de fazer da fala da criança um campo legítimo de indagação.